

INCLUSÃO EM SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM EM TRÊS PERSPECTIVAS

Judith Tonioli Arantes

Trabalhar alguns temas em sala de aula nem sempre é uma tarefa fácil para professores e alunos. Nossa proposta neste breve artigo é trabalhar um destes temas, a inclusão, utilizando três linguagens que estarão em diálogo entre si – a linguagem literária, a cinematográfica e a tecnológica. Dentre todas as linguagens que poderiam ter sido escolhidas para a elaboração deste artigo, as selecionadas foram estas três porque se tratam de linguagens que podem ser facilmente trabalhadas juntas, além de auxiliarem no processo de aprendizagem de alguns conteúdos importantes por parte do aluno, como no caso da literatura, e trazem alguma coisa de lúdico, de entretenimento, para a sala de aula, como no caso do cinema e da tecnologia.

Antes, porém, de iniciar a proposta de trabalho, tratemos um pouco sobre os tipos de exclusão que existiram e ainda existem. Desde que o homem foi feito, os conhecimentos adquiridos são passados de geração a geração, seja pelos anciãos, pelos sábios, ou até mesmo de pais para filhos. No início dos tempos, eram os conhecimentos de caça e manutenção do bando. O tempo passou, começaram a surgir as primeiras maneiras de educação formal, como os seminários, por exemplo, onde havia o ensino religioso. Podemos também mencionar os gregos quando dominados pelos romanos, é de conhecimento geral que os filhos dos romanos eram ensinados por gregos escravizados, mas não todos. Havia a exclusão de indivíduos menos afortunados.

A educação foi, por muito tempo, privilégio dos mais afortunados, filhos de nobres, reis, além de ser privilégio masculino – poucas mulheres foram ensinadas a ler e a escrever em épocas mais antigas. A própria História exclui as mulheres de suas páginas, com raríssimas exceções, como a Rainha Elizabeth I, da dinastia Tudor, na Inglaterra do século XVI. A educação tal qual a concebemos hoje, um direito de todos, é uma concepção muito recente de mundo, uma concepção que, em teoria, abrange todas as classes sociais e todas as pessoas.

Viveríamos em um mundo maravilhoso se este conceito de educação como direito de todos e dever do estado fosse uma realidade, e de certa forma é. A Constituição Brasileira prevê, no Artigo 205, Seção I, Capítulo III, Título VIII, que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua

qualificação para o trabalho”. Atualmente, no Brasil, existem planos e fundos dedicados à educação da população como um todo, desde os níveis mais básicos até os níveis mais elevados de ensino, e podemos observar que hoje muitas pessoas frequentam salas de aula, mais de que há cinquenta anos. Contudo, embora as escolas hoje dêem este suporte a mais alunos, nos deparamos com um problema que ainda hoje existe, embora de forma diferente: a exclusão. Antigamente, as classes mais baixas eram excluídas; atualmente, alunos em particular são excluídos dos grupos escolares que os têm como diferentes – pessoas com algum tipo de dificuldade física, pessoas de raças diferentes e até mesmo pessoas que são consideradas “nerds” – ou pessoas muito inteligentes, que tiram sempre notas excelentes e por isso são excluídas.

Este tipo de exclusão acontece em todos os níveis do ensino no Brasil, poderíamos dizer que acontece no mundo todo, basta apontar exemplos como as dezenas de casos nos Estados Unidos em que alunos que são excluídos por algum motivo decidem vingar-se dos outros alunos utilizando armas de fogo. No Brasil, não há casos de alunos que portam armas de fogo dentro das escolas com o intuito de matar seus colegas de classe, mas a exclusão ainda existe, e talvez de forma muito mais violenta que nos Estados Unidos – é uma exclusão social, seja por raça, credo, ou até mesmo por falar diferente.

A melhor solução para a exclusão é a inclusão, pode parecer um tanto quanto óbvio, mas nem sempre o é. Os alunos que fazem parte dos grupos dos incluídos, podemos chamar desta maneira, nem sempre aceitam estas pessoas diferentes, quanto mais incluí-las em seu meio. E, para que os alunos, todos eles, aprendam o valor das pessoas e da inclusão de pessoas diferentes em seu meio, os professores podem sugerir três tipos de atividades, utilizando diferentes estratégias de ensino, ou, como chamamos neste artigo, linguagens variadas utilizadas em sala de aula para trabalhar o seguinte conceito: inclusão. Neste artigo, propomos abordar este tema de três maneiras distintas, mas usadas na mesma sala de aula como um processo pelo qual os alunos tratarão e praticarão a inclusão. As três linguagens escolhidas são: a cinematográfica, a literária e a tecnológica.

A primeira parte deste processo com os alunos será trabalhada na obra *The Lord of the Rings (O senhor dos anéis)*, de John Ronald Reuel Tolkien. Este livro foi escrito há mais de cinquenta anos e conta a história de quatro Hobbits, um dos povos da Terra-média – mundo criado por Tolkien – que partem em uma missão para salvar sua terra, mas logo se encontram em uma batalha que envolve todos os povos da Terra-média. Os Hobbits são um povo que prefere se isolar do resto do mundo, têm seus próprios costumes e os outros povos da Terra-

média mal os conhecem. Escolhemos para este artigo um dos Hobbits, Merry. Junto com Frodo, Sam e Pippin, ele parte para salvar sua terra, mas acabam se separando. Merry não quer ser um peso morto, então oferece seus serviços ao rei Théoden de Rohan, um dos reinos da Terra-média.

Para trabalhar a questão da inclusão nesta obra, utilizaremos a teoria semiótica conforme apresentada na obra *Teoria semiótica do texto*, de Diana Luz Pessoa de Barros. Trataremos especificamente dos tipos de manipulação possíveis e o tipo de manipulação presente neste trecho da obra, trecho que faz parte do último livro da trilogia, *The return of the king*. De acordo com Diana Barros, podemos classificar os tipos de manipulação em quatro grandes classes: provocação, tentação, sedução e intimidação (BARROS, 2008, p. 29). A tentação ocorre quando o destinador oferece um objeto, um valor que interessa ao destinatário; a intimidação acontece quando o destinador ameaça o destinatário para que ele aceite o valor oferecido; a provocação ocorre quando o destinador oferece um valor depreciando as qualidades do destinatário; e a sedução acontece quando o destinador oferece um valor elevando as qualidades do destinatário.

Leiamos o trecho escolhido para a análise da obra de Tolkien:

'I have a sword,' said Merry, climbing from his seat, and drawing from its Black sheath his small bright blade. Filled suddenly with love for this old man, he knelt on one knee, and took his hand and kissed it. 'May I lay the sword of Meriadoc of the Shire on your lap, Théoden King?' he cried. 'Receive my service, if you will!' 'Gladly I will take it,' said the king; and laying his old hands upon the Brown hair of the hobbit, he blessed him. 'Rise now, Meriadoc, esquire of Rohan of the household of Meduseld!' he said. 'Take your sword and bear it unto good fortune!' (TOLKIEN, 2001, p. 46)¹

Neste trecho, analisado à luz da teoria semiótica apresentada por Diana Barros no livro citado acima, podemos abordar com os alunos a tentativa de manipulação de Merry com relação ao rei Théoden: Merry oferece seus serviços e o rei aceita, mas só aceita porque o valor apresentado por Merry é um valor que tem importância para o rei e este deseja ter tal valor, por isso a manipulação funciona. De acordo com Diana Barros:

A atribuição de competência semântica está sempre pressuposta na doação de competência modal, pois é preciso que o destinatário-sujeito creia nos valores do destinador, ou por ele determinados, para que se deixe manipular. (BARROS, 2008, p. 28)

¹ “ – Eu tenho uma espada – disse Merry, saltando da cadeira e puxando de sua bainha negra a pequena espada brilhante. Cheio de um súbito afeto por aquele velho, ajoelhou-se sobre um dos joelhos, tomou-lhe a mão e beijou-a. – Permita-me depositar a espada de Meriadoc do Condado em seu colo, Rei Théoden! – exclamou ele. – Aceite meu serviço se lhe aprouver! – Aceito com satisfação – disse o rei, e, colocando as longas e velhas mãos sobre os cabelos castanhos do hobbit, abençoou-o. – Levante-se agora, Meriadoc, escudeiro de Rohan, da casa de Meduseld! – disse ele. – Pegue sua espada e conduza-a para uma sorte feliz.” (TOLKIEN, 2002, p. 822)

Merry oferece ao rei um valor, o valor de sua servitude ao rei, de seu amor capaz de ir para a guerra e lutar por aqueles que ele aprendeu a amar. O rei tem isso como valor e aceita a manipulação, ele interpreta positivamente a manipulação e tem seu destinador, Merry, como confiável.

A próxima linguagem utilizada para tratar deste tema é a linguagem do cinema, ou a dos filmes. Há muitos filmes que tratam de grupos ou pessoas excluídas dentro de ambientes diferentes. O filme escolhido chama-se “A era do gelo”, uma animação feita pelos estúdios Fox e lançado em 2002, e conta as aventuras de três animais bem diferentes: um mamute, uma preguiça e um tigre dentes-de-sabre que se unem para levar uma criança para seu bando. O cinema de animação é, podemos dizer, muito recente, embora desenhos sejam formas de entretenimento que já existem há bastante tempo, a inclusão da animação como recurso para o desenho animado é bem recente. A Disney, unindo-se à Pixar Animation Studios produziu filmes como “Procurando Nemo”, “Carros” e “Toy Story”; há também a DreamWorks, com produções como “Shrek”, e a Fox, que produziu o filme objeto deste artigo.

Podemos abordar o tema da inclusão nas diferentes personagens que fazem parte do filme. Começamos pela preguiça. No filme, Sid, a preguiça, é abandonado por seu bando de preguiças quando há a migração para o sul para fugir do inverno. Ele se vê sozinho e em perigo quando encontra o mamute Mani, um mamute solitário que não está migrando como os outros animais. É de Sid a idéia de devolver o bebê humano ao seu bando, que fora atacado pelos tigres. Sid representa o tipo de personalidade desastrada, que não atrai ninguém para o seu lado, pelo contrário, sua habilidade para se meter em problemas afasta todos ao seu redor. Em outras palavras, Sid não escolheu ser abandonado ou excluído, mas suas características negativas fizeram com que outros o repelissem e excluíssem. Porém, ao longo do filme, passamos a conhecer as características boas desta personagem, as conhecemos ao mesmo tempo que seus companheiros de jornada, o tigre e o mamute. Em primeiro lugar, é ele quem decide devolver o bebê ao seu bando, e em um primeiro momento o faz sozinho, apenas momentos depois, com a ameaça do tigre é que o mamute decide unir-se a ele. Sid é também aquele que dá o tom de humor ao grupo com suas ações atrapalhadas, além de avisar os outros de perigos iminentes, como o rio de lava que aparece no filme.

Tratemos neste momento dos outros dois personagens, o mamute e o tigre. Mani, o mamute, é um animal solitário, ao contrário dos outros mamutes, que andam em bando. Ele escolheu ser solitário porque os humanos mataram sua esposa e seu filho. Durante o filme,

podemos perceber que ele é desconfiado de tudo e de todos, mas aos poucos, ele aprende a confiar em seus companheiros. Sid é o primeiro a tentar incluí-lo em um tipo de bando com uma missão, e esse ato começa a despertar em Mani seu instinto de bando, que cuida dos membros. Mani escolheu se excluir, mas tal decisão foi mudada a partir de uma simples ação de um animal que foi excluído de seu bando.

Diego, o tigre-dentes-de-sabre, é um carnívoro, o único deste bando estranho que vemos no filme, uma personagem que tem uma missão: levar o bebê para seu bando de tigres. Porém, mesmo já fazendo parte de um bando, Diego é um excluído – nenhum dos tigres que são seus companheiros de bando acreditam que ele seja capaz de desempenhar sua função, e isso o torna um animal também desconfiado e com dificuldades em aceitar que um bando possa se unir e formar laços de proteção uns pelos outros. Isso muda quando Mani arrisca sua vida pra salvar a de Diego. Este percebe que seu bando de tigres é bem diferente e começa a duvidar de sua missão.

Em um trabalho em sala de aula, podemos nos concentrar nestes três personagens e como foram excluídas ou se excluíram de seus bandos normais. No desenvolvimento do trabalho em aula, abordamos a forma como suas características verdadeiras os uniram em um bando diferente, em princípio unido por uma missão, mas que em seguida, se torna um bando único, unido pelos ideais verdadeiros de um bando, ou de uma família, como podemos chamar aqui: o cuidado e a proteção de uns pelos outros. Nesta etapa do projeto, é necessário ainda abrir uma discussão entre os alunos sobre a maneira como a inclusão de pessoas diferentes dentro dos grupos já formados pode ser surpreendente e renovadora, tanto para o grupo já formado quanto pela pessoa incluída neste grupo, além de descobrirmos que as pessoas podem surpreender, basta apenas uma oportunidade.

Podemos, ainda, tratar com os alunos dos gêneros ficcionais trabalhados no filme. Os gêneros ficcionais podem ser separados em quatro grandes gêneros, de acordo com Marcos Napolitano em *Como usar o cinema em sala de aula*. Tais gêneros são: o drama, a comédia, a aventura e o suspense (NAPOLITANO, 2003, pp. 61-62). No filme em questão, podemos localizar o drama, a comédia e um pouco de aventura. Podemos tratar do drama nas três personagens: Sid é uma preguiça rejeitada, e embora ela seja a personagem cômica do filme, ela passa brevemente por esse drama do abandono e da rejeição, mesmo no novo bando formado graças à sua idéia de levar o bebê de volta ao seu bando; Mani é um mamute que também vive um drama pessoal: sua família foi assassinada e ele deseja viver e morrer sozinho, mas ao encontrar Sid e Diego e conviver um pouco com eles, seu drama acaba por se

resolver e ele encontra razões para viver em bando novamente; Diego, o tigre, vive o drama de ser aceito em seu bando, e para isso, deve cumprir a missão de levar o bebê vivo para o líder do grupo; seu drama aumenta quando começa a conviver com o mamute e a preguiça pois percebe que viver em bando é muito mais que caçar para sobreviver, viver em bando significa dar a vida pelo outro. Ele resolve este drama salvando este novo bando, do qual passa a fazer parte.

Podemos, ainda, verificar que existe o gênero comédia neste filme, personificado especificamente pela preguiça Sid. Embora existam outros personagens quem trazem humor ao filme, é em Sid que se concentram as ações inusitadas que causam riso no espectador. Ele é o responsável por ações que imitam cenas da vida real, como por exemplo, um jogador de futebol americano, ao marcar um *touchdown*, ele joga a bola no chão, e Sid joga o melão no chão, partindo em vários pedaços. Há, também, o gênero aventura no filme, a ação que se realiza em vários momentos, como quando Mani salva Diego de cair no rio de lava, e ele mesmo acaba quase caindo; ou quando Diego planeja a ação que salvará seus companheiros Mani e Sid das garras de seu antigo bando de tigres dentes-de-sabre.

Passemos, então, à última linguagem utilizada neste processo com os alunos, a linguagem tecnológica, mais especificamente, a internet. Esta linguagem, conhecida por praticamente todos os alunos, causa ainda um pouco de receio nos professores, receio que deve ser erradicado em todos os níveis de ensino. Embora existam muitas coisas prejudiciais, negativas e sem base comprobatória na internet, há muita coisa interessante e confiável, só é necessário saber selecionar. A internet é uma excelente fonte para se buscar conhecimento antes apenas acessível em bibliotecas, e são raríssimas as pessoas que utilizam seu tempo com pesquisas em bibliotecas, salvo pesquisadores e alguns alunos em universidades que estão estudando e pesquisando algum tema que dificilmente alguém tenha digitalizado, temas que provavelmente terão bastante bibliografia em bibliotecas públicas e universitárias. Utilizar este instrumento passa a ser, então, fonte de conhecimento e possíveis discussões em sala de aula.

Sendo um instrumento muito amplo para trabalho, escolhemos para este artigo uma faceta da internet que tem sido muito utilizada por muitas pessoas, inclusive a maioria de nossos alunos: o 'blog' – diários virtuais em que as pessoas escrevem sobre tudo e outras pessoas podem comentar. A proposta é fazer um 'blog' em que experiências de inclusão serão relatadas e receberão comentários de outros alunos e possivelmente até de outras pessoas que têm ou não relação com o grupo responsável pelo 'blog' em si.

Após o trabalho com o livro e o filme, em que serão abordadas as maneiras de inclusão e as surpresas que este simples ato pode ter para o grupo, o passo a ser dado é a inclusão real de novos sujeitos ao grupo. A cada semana, um dos alunos se torna responsável em documentar sua experiência – ele ou ela deve procurar uma pessoa com a qual convive no campus universitário, mas com quem nunca fez contato, e conhecê-la, mostrar interesse por ela e documentar o fato e suas impressões sobre esta experiência. A cada semana, novos testemunhos no diário virtual serão o assunto de comentários e discussões sobre a experiência da semana em questão, discussões que são postadas no próprio ‘blog’. O propósito das postagens no ‘blog’ será o de colocar em prática a inclusão abordada no livro de Tolkien e no filme “A era do gelo”.

Há, é claro, muitas outras maneiras em que se pode trabalhar a inclusão de novos sujeitos dentro de um grupo fechado. Se fôssemos abordá-las aqui, poderíamos escrever um livro, não um artigo. As três linguagens escolhidas tratam da questão desde a sala de aula, utilizando a teoria semiótica, até seu exterior, o universo cibernético da internet, que conecta milhões de pessoas no mundo inteiro.

Tratamos, neste breve artigo, do uso destas três linguagens em sala de aula para abordar e praticar com os alunos a inclusão, um tema nada fácil de trabalhar entre alunos e professores. Com a obra literária, podemos tratar da teoria semiótica aplicada ao tema; com o filme, podemos abordar o drama que existe nos excluídos e como seus verdadeiros valores o incluem em algo que pode ser bem diferente e surpreendente; e com o ‘blog’, há a prática da inclusão, que é tema do nosso artigo.

Incluir pessoas é importante, e através do uso destas três linguagens e de sua aplicação tanto dentro quanto fora da sala de aula, os alunos aprendem e praticam isso em suas vidas, aprendendo que todos têm valor e podem nos surpreender, basta apenas darmos uma chance a eles para reconhecermos o valor da inclusão, seja no meio universitário ou em nossa própria experiência diária.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2008.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Extraído de <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>. Acesso em 27 de maio de 2009.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

PESSANHA, Rosimar de Freitas. “Recursos Tecnológicos e Educação: Amplitude de Possibilidades”, in <http://www.pedagogia.com.br/artigos/tecnologia/index.php?pagina=0>, acesso em 29 de maio de 2009.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The lord of the rings – the return of the king*. London: HarperCollinsPublishers, 2001.

_____. *O senhor dos anéis*. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2002.